

Algoritmos do Facebook:
Impactos na Formação de Opinião e Grupos em Processos Políticos

Universidade Federal de São Carlos
Bruna Jandoso¹
João Angelo Fantini

O estudo, despertado pela observação dos crescentes conflitos iniciados em ambiente digital, partiu do interesse em estudar a formação de grupos na internet e como os mecanismos de filtros interferem nesse processo. Esse ambiente possui modos de funcionamento que mediam as relações entre sujeitos, figuras públicas, ideias e posicionamento político. Esse modo de funcionamento tem como um de seus elementos o algoritmo. Como poderia ser descrita a formação de grupo que se origina nas redes sociais? Pessoas se agrupam por motivos de ideologia, objetivos e compartilhamento de interesses. Entretanto, na internet essa formação se dá do mesmo modo que nas relações fora das redes sociais, ou seja, na escola, igreja, família? As especificidades do funcionamento da rede social *Facebook* impactam, de algum modo, a formação de opinião e grupo, influenciando os conflitos entre os diferentes grupos?

No contexto das redes sociais, pode ser que, a partir dos algoritmos que filtram informações, indivíduos tenham um processo de reconhecimento facilitado com determinado grupo. Tais formações de grupo podem também possibilitar o surgimento de um sentimento de invasão ou incorporação por outro grupo. Os indivíduos conectados na rede se acentuam nos grupos de semelhantes. A ideia central aqui é que, a partir do algoritmo do *Facebook*, possa acontecer uma espécie de restrição do contato de pessoas com pensamentos prévios semelhantes, acentuando então o pertencimento de um círculo social fomentado pelo funcionamento automático dos filtros. Isso possivelmente possibilita que os sujeitos de opiniões contrárias sejam cada vez mais caracterizados como estrangeiros. Tendo o processo de reconhecimento de sua alteridade dificultado pela falta de contato com a individualidade e diferença, o diálogo entre os sujeitos de diferentes círculos sociais talvez se torne cada vez mais escasso.

O presente estudo se justifica no sentido de que há uma lacuna na literatura sobre as novas formações de grupos propiciadas a partir do evento das redes. Foi a partir dessas

¹ . Pesquisa Financiada pela FAPESP – FUNDAÇÃO DE AMPARO A PESQUISA DO ESTADO DE SÃO PAULO

indagações que o estudo se estruturou, fazendo uso do levantamento bibliográfico e estudo de campo, e tendo como campo teórico explorado a tecnologia da informação e a psicanálise. Foi objetivo do estudo explorar as relações entre funcionamento da rede e mecanismos psíquicos, além disso traçar correlações entre o algoritmo usado pela rede social e as problemáticas trazidas pela clínica contemporânea a respeito das relações na internet, especialmente quanto aos processos de intolerância e estigmatização do outro. Além disso, um dos objetivos específicos foi o de conhecer as novas formas de agrupamento de sujeitos que ocorre via rede social, e também o modo de funcionamento dos algoritmos do *Facebook*.

A internet

A internet tem seu início datado no ano de 1969 a partir da *Arpanet* (Advanced Research Project Agency), uma rede de computadores formada pelo Departamento de Defesa dos Estados Unidos em contexto de Guerra Fria (CASTELLS 2003). Muitas foram as mudanças desde então, sendo que foi apenas em 1990 que a internet foi expandida para o uso domiciliar através da *World Wide Web*. Seu crescimento ocorreu de forma acelerada, sendo que o cenário atual a coloca como um importante veículo de informação e disseminação de ideias, além disso é vista como uma inovação tecnológica que está associada aos processos de produção, distribuição e consumo da informação (BERNARDI, 2007). Uma das características que a diferencia dos demais meios de comunicação é que a informação não necessita da mediação de um emissor para ser transmitida, o que Bernardi (2007) chama de comunicação em rede. Na internet o fluxo de informações é descentralizado, o que para Lemos (2014) se constitui como mídia pós-massiva, nela usuários podem enviar seu próprio conteúdo, e é com esse pano de fundo que as redes sociais se constituem. A rede social de interesse para o estudo é o *Facebook*, que se constitui atualmente como a rede social mais utilizada no mundo e conta com cerca de um bilhão de usuário² acessando todos os dias. Foi criada em 2004 por Mark Zuckerberg, que desde o início pensou em uma rede marcada pela personalização, na qual seus usuários veriam o que eles mais se interessassem (PARISIER, 2012).

Os fenômenos da clínica contemporânea - Inconsciente, o Outro e os restos

Para dar suporte teórico para as indagações apresentadas, o estudo fez uso da psicanálise de Sigmund Freud e de Jacques Lacan. No seminário 5, Lacan (1957-1958) explana sobre o entendimento do inconsciente e do desejo, para Lacan o inconsciente só se esclarece quando o olhamos “meio de lado”. O mesmo fenômeno que especifica o chiste é o que faz

² <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2016/04/facebook-atinge-marca-de-1-bilhao-de-usuarios-todos-os-dias.html> Acesso em: 02 set. 2016, 09:22h

com que criemos neologismos, novas palavras que carregam significantes ambíguos, paradoxais, que demonstram que esse engendramento de significações próprios da espécie humana só é possível a partir da relação entre os significantes, da ligação entre eles. É o que permite também a metáfora, e para o autor esse é o sentido que enriquece nossas vidas. É no engendramento de sentido que está ancorado o inconsciente, sendo que o caminho que fazemos é o de ligar toda economia do que está gravado no inconsciente à combinação significativa (LACAN, 1957-1958).

Para entender melhor essa questão foi preciso recorrer ao seminário “O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise” (LACAN, 1955). A possibilidade de sermos sujeitos está em sua abertura, o sujeito é aquele que não sabe o que diz, pois caso soubesse estaria ocupando o lugar de Outro, é importante ressaltar aqui que o Outro para Lacan é um arauto, ele não existe, funciona por intermédio de instituições, crenças, figuras da família, entre outros, entretanto isso não significa reduzi-lo a figuras como um pai, uma mãe, um mestre, podendo as formações do inconsciente tais como o lapso, sonhos, chistes serem também arautos do grande Outro. Dessa forma o sujeito se reconhece e se vê no pequeno outro, é o pequeno outro que toma lugar de semelhante, que tem estreita ligação com o seu eu. Acontece que endereçamos nossa mensagem aos verdadeiros Outros, para aquilo que não conhecemos, lá onde a princípio jamais alcançamos, são quem visamos ao pronunciar uma fala verdadeira, sendo que sempre alcançamos o pequeno outro por reflexão, sobre isso Lacan (1955, p. 308) aponta “viso sempre os sujeitos verdadeiros, e tenho de me contentar com as sombras”. E mais ainda, ao fundamentarmos nossa fala no Outro, o uso da linguagem se faz no sentido de remetermos de volta ao outro (com “o” minúsculo) objetivado, aquele com que pensamos que não sabe o que diz, que acreditamos poder fazer tudo o que quisermos.

Acontece que o Outro é incompleto, um Outro faltante, além disso é preciso que o sujeito responda à pergunta sobre o que quer o Outro, para poder se constituir como desejante. O sujeito então tenta se situar em relação ao desejo do Outro, responder sendo aquilo que o Outro deseja, mas não está ao seu alcance satisfazer completamente o desejo do Outro, a satisfação é sempre parcial, deixando escapar um resto. Esse resto resiste à operação de simbolização, é o que, ao mesmo tempo emperra o funcionamento da máquina simbólica e faz com que a máquina se movimente (LUSTOZA, 2006).

Quando ocorre esse desamparo do Outro, o sujeito convoca a fantasia para apaziguar sua angústia, a fantasia cumpre aqui a função de resposta ao Outro que nada garante. O

neurótico busca encobrir que é um ser desejante, e tenta substituir o objeto da fantasia pelo objeto da demanda, o que acaba por positivar sua castração nos significantes articuláveis da demanda. (SCHERMANN, 2006). Para Lacan a angústia é um sinal do real que invade a ordem imaginária do eu, ela surge quando algo vem a ocupar o lugar do objeto faltoso do desejo. A sensação do estranho e a angústia que ele causa estão relacionadas com a proximidade do objeto, a sensação do desejo do Outro (JORGE, 2007).

Grande Outro e mídia

O cenário de vida contemporâneo traz consigo expressões sintomáticas, existe um conflito entre desejos individuais e aquilo que se acredita ser evidências do mundo real, transmitidas pela mídia. O modo de funcionamento da nossa sociedade é confuso, os sujeitos estão perplexos, entretanto acreditam que são informados e esclarecidos. É o século dos sujeitos tensos, em meio a provocações discursivas cada vez mais frequentes sobre a realidade, que vive em busca de apaziguamento. Apaziguamento porque, a mesma mídia que faz os sujeitos acreditarem que são informados e esclarecidos, questiona a credibilidade dos arautos do grande Outro que “funcionavam” outrora, como a polícia e o Estado por exemplo (PARZIANELLO, 2008).

A fim de defender-se da força psíquica na qual a realidade parece estar desestabilizando seus estados emocionais, os sujeitos veem a necessidade de que algo precisa ser decifrado em relação à realidade, de algo que está encoberto, mas que tem infinitas possibilidades de interpretação. É possível supor, cita Parzianello (2008), que “quanto mais reduzida a representação simbólica de mundo de um sujeito, tanto mais ele estará próximo de estados de angústia”. Acontece que essa angústia advém da incompletude do Outro, e sem compreender isso os sujeitos parecem sempre estar em busca de algo, uma melhora ou facilitação de suas vidas através de máquinas. Entretanto existe sempre os restos que são deixados para trás, há uma perda inerente nessa busca, é essa perda que os psicanalistas apontam como sendo a causa do desejo. O elemento humano, segundo a psicanálise, é aquilo que capenga, que não se realiza completamente, passível de erros, o ser que fantasia a partir de seus restos, e apresenta uma compulsão a repetir quando brinca com os seus restos. Nesse sentido o que Pinheiro e Carneiro [s.d.] colocam é que o discurso da tecnociência apresenta uma espécie de reciclagem desses “restos”, colocando o resto como símbolo da incompetência. Entretanto, mesmo estando cada vez mais parecidos com *ciborgues*, os sujeitos ainda são assolados pelo real, pelo pulsional, tendo que lidar com os restos a todo

momento, e é por ter esses restos que é sustentada a errância subjetiva do homem. É por isso inclusive, que a ficção científica sempre retrata o fracasso inerente à tentativa de criar *ciborgues* ou homens livres de seus restos humanos (PINHEIRO; CARNEIRO, s.d.).

Realidade versus virtualidade

Essa sensação de “algo” que precisa ser desvendado em relação à realidade pode ter relação com as diferentes visões que foram sendo traçadas no decorrer da história da internet e sua inserção na vida dos sujeitos. Ao longo do percurso da internet para chegar na forma como se constitui atualmente, muitas mudanças ocorreram, sejam elas tecnológicas ou na forma como os indivíduos enxergam esse veículo de informação. A internet sempre foi manchete de jornais e revistas, sendo protagonista de polêmicas e especulações. Os diferentes modos de leitura que comumente são feitos sobre a internet podem fazer emergir uma ideia de tríade, constituída por uma visão positiva, outra negativa e uma terceira, que seria a neutra. Essa perspectiva pode contribuir para o entendimento de que a internet é uma esfera separada da vida dos sujeitos, e que exista uma realidade fora dos computadores. Pensar nas redes sociais dessa forma é pensar que existe uma diferenciação entre realidade e virtualidade.

Santaella (2008) faz uso do termo ‘espaços intersticiais’ para designar as bordas entre espaços físicos e espaços digitais, a autora aponta que existe uma ruptura na distinção tradicional entre espaços físicos de um lado e digitais do outro, existindo então uma composição de espaços conectados, não necessitando se ausentar de um determinado espaço físico para estar conectado. Lemos (2008) conceitua a mídia locativa para trazer a discussão sobre o hibridismo do real com o virtual, o termo diz respeito a um conjunto de tecnologias das quais o conteúdo da informação está ligado a uma localidade, como GPS, telefone celulares, notebooks conectados à rede Wi-Fi e Bluetooth. Esse tipo de mídia reforça a hibridização do espaço físico com o ciberespaço, chamado de território informacional.

Afinal, qual o impacto do filtro?

Para que o conteúdo que chega na tela de cada usuário corresponda aos seus interesses, foi preciso que a equipe do *Facebook* desenvolvesse mecanismos de funcionamento capazes de prover a cada tela de computador um conteúdo diferente, são os

algoritmos. O termo algoritmo surgiu na álgebra e refere-se a uma sequência ordenada de passos a serem realizados para que uma tarefa seja executada. Ampliando o conceito para a área da informática, o que se pretende é que uma máquina seja capaz de realizar uma sequência de ações repetidas vezes (JACQUES, 2014). No início do *Facebook*, os usuários visualizavam quase tudo que seus amigos faziam no site, entretanto com o aumento de usuários ocorreu também um aumento de conteúdo postado, dessa forma foi pensado um mecanismo que selecionasse quais informações seriam de maior relevância para cada usuário (PARISIER, 2012).

Para Birkbak e Carlsen (2016) o algoritmo toma as decisões sobre como os usuários do *Facebook* são informados sobre sua rede social, porém seu funcionamento parece se dar nas sombras. Segundo os autores, atualmente o que a empresa disponibiliza de informação acerca do algoritmo é apenas que ele está muito mais sofisticado e vem sendo constantemente otimizado através de experimentação, além disso apontam também que ver os algoritmos como parte do chamado “inconsciente tecnológico” poderia ser uma questão para a ciência social crítica. Se a justificativa da empresa para o uso do algoritmo e de seu funcionamento tal como é, se embasa na resolução do problema da sobrecarga de informações, o que Birkbak e Carlsen (2016) questionam é em relação a qual princípio essas ordenações são justificadas. Lembram ainda que a rede faz parte da busca por significado através do engajamento com outros indivíduos, ou seja, o aspecto computacional deveria ser subordinado a algo que facilitasse os contatos e não que os julgasse.

Um ponto importante para a reflexão aqui diz sobre a intensa e constante conexão e interconexão da vida sócio técnica. A tecnologia, por meio da conectividade, está se movendo para o meio ambiente e se deslocando junto com os indivíduos, onde eles estão e para onde estejam indo. Para Thrift (2005) isso acarreta em uma computação onipresente e penetrante, que está em todo lugar e cada vez mais dependente do contexto. Essa onipotência silenciosa pode acarretar uma articulação do que aparecerá onde e o que aparecerá a seguir, são as chamadas convenções (THRIFT, 2005). Havendo sucesso no estabelecimento das práticas de conexão e interconexão, sem perturbações, as convenções ficam silenciosamente em segundo plano. Desse modo objetos, configurações, rotas, pessoas, tudo parece ser real, adequadas, com uma espécie de fixidez existencial e correção ontológica.

Eu quero afirmar que eles constituem um "inconsciente tecnológico" (Clough, 2000) cujo conteúdo é a flexão de corpos com ambientes para um conjunto específico de “endereço” sem o benefício de insumos cognitivos,

um substrato pré-pessoal de correlações garantidas, encontros garantidos, e, portanto, antecipações não consideradas (THRIFT, 2005, p. 213).

Beer (2009) cita autores como Thrift, Hayles e Graham que descrevem os modos como os softwares agem frequentemente não vistos e escondidos, estruturando e ordenando pessoas, lugares e coisas. A consciência compreende a ponta de uma enorme pirâmide de fluxos de dados, a maioria dos quais ocorrem entre máquinas. Hoskins (2014, p. 668) recorre à Hayles (2006, p. 138) para definir o inconsciente tecnológico como os hábitos cotidianos iniciados, regulados e disciplinado por múltiplos estratos de dispositivos tecnológicos. O autor ainda afirma que as tecnologias digitais penetram nosso cotidiano: “assim, a memória contemporânea é completamente interpenetrada por um inconsciente tecnológico na medida em que ocorre uma "coevolução" ou melhor, uma revolução da memória e da tecnologia” (HOSKINS 2014, p.668).

Andreas Birkbak (2016) fala sobre a dicotomia que a rede proporciona, citando Latour (2010) que traz a web como geradora de problemas do mesmo modo que coloca a solução de problemas simultaneamente. Direcionando para dinâmica similar que os algoritmos tomam, aponta: “Os algoritmos da web se posicionam como primeiros e mais importantes a oferecer soluções, enquanto a construção correspondente do problema, para o qual são a solução, é menos explicada”. O autor ressalta que as chamadas mídias sociais estão constantemente convidando seus usuários a “serem sociais” a partir da postagem de novos conteúdos, entretanto nenhum usuário é capaz de seguir todos esses conteúdos produzidos em sua forma “crua”, dessa forma o trabalho do algoritmo é colocado como extremamente essencial para fornecer um Facebook útil para seus usuários (BIRKBAK, 2016).

Facebook, Opinião Pública e Política

O estudo objetivou também avançar na conceituação sobre a opinião pública, para tal foi preciso recorrer às postulações de Habermas (1984, apud FONTOURA; AUGSTEN, 2017). O conceito de esfera pública diz sobre os espaços públicos de deliberação coletiva, de construção do debate político e de formação da opinião pública. O ambiente digital é colocado por alguns autores como sendo um novo espaço possível, uma nova instância da esfera pública que está além dos espaços físicos. Entretanto com o advento dos algoritmos, Fontoura e Augsten (2017) colocam que a supressão automática de determinados conteúdos pode interferir na concepção de um ambiente digital como uma nova instância da esfera pública. Para eles, a

bolha proporciona uma falsa sensação de esfera pública e opinião pública, já que a maioria dos indivíduos concordam com uma ideia predominante.

Autores como Dahlberg (2001) citado por Mitozo, Massuchin e Carvalho (2015) apontam que o ciberespaço é uma extensão da esfera pública, sendo que a internet poderia contribuir com a prática democrática expandindo o debate público. Entretanto, mesmo com as possibilidades de interação existentes na rede social Facebook, isso não é suficiente para fortalecer a democracia, já que um dos pressupostos para que ela ocorra é a presença de um discurso crítico racional, necessitando de outros espaços de comunicação para que o debate não se restrinja a um grupo específico e nem a ações individuais. Os mesmos autores apontam que comentários feitos por leitores em páginas de jornais tinham por objetivo, muitas vezes, a vitória discursiva e não o entendimento mútuo, além disso apresentam pouca justificativa e serviam para reforçar posições. Ainda sim, os autores dos estudos acreditam que os comentários possuem potencial de enriquecimento informativo, acrescentando novas perspectivas e posicionamentos (MITOZO, MASSUCHIN e CARVALHO, 2015).

Discursos e laço social

Na psicanálise lacaniana, o que é chamado de laço social é a relação entre os indivíduos que se sustenta no discurso, assumindo modalidades da época e marcas de uma determinada cultura, além disso o laço se particulariza com as modalidades do gozo dos sujeitos que o realiza. Tizio (2006) aponta que a civilização regula o gozo, a civilização faz entrar o gozo no laço social, sintomatizando conforme os modelos aceitáveis. A civilização tem a ver com o discurso, e para Lacan o discurso existe mesmo sem a palavra, ele sustenta e modela a realidade. Os discursos dão sustentação ao mundo, funcionando como seus pilares (COELHO 2006).

Além dos quatro discursos descritos por Lacan, existe ainda um quinto discurso que fornece subsídios para nossa compreensão do tipo de laço social que se forma na internet. O Discurso do Capitalista quebra a ordem lógica dos outros discursos, é uma forma mais contemporânea de se pensar o discurso do mestre. Para entender as novas formas do sintoma é preciso um estudo dos efeitos do discurso capitalista como variante do discurso do mestre. Os envoltórios formais do sintoma tomam apoio no discurso da época. A época pai-centrada que tem o semblante do pai encarnado nas formas culturais e ideias unificadores da época, determina e sustenta um certo tipo de gozo, reproduzindo um laço social centrado no recalque. No mundo contemporâneo a relação do discurso capitalista com o discurso científico

gerou uma nova revolução tecnológica, a internet. É a concepção de uma nova realidade onde se tem suprimida a barreira que separava o sujeito do gozo, esse novo modo de se fazer laço social mostra que há a companhia direta do objeto (TIZIO, 2006).

A época do capitalismo pesado de estilo fordista trazia consigo demasiada crença e obediência nas autoridades, de modo que quando se quebrava a autoridade paterna perdia-se a fé religiosa, demonstrando uma relação entre o complexo paterno e Deus. A autoridade do pai perpetuava a proibição, ocorrendo uma renúncia do gozo. Já na pós-modernidade, Lacan se precipita para dizer que é a era dos dejetos que invadem e contaminam como retorno do recalcado, desse modo os laços sociais parecem, da mesma forma, consumir e rechaçar. Os laços são pontuais, de conexão e desconexão, quase como a internet, onde os sujeitos fazem redes, links, conectam e desconectam, os laços não são duradouros e sim pragmáticos (TIZIO, 2006).

Metodologia

A partir da metodologia de pesquisa qualitativa optou-se por realizar um levantamento bibliográfico por se tratar de aspectos da realidade que não são passíveis de serem objetivados. Os dados obtidos foram recolhidos a partir de levantamento referencial bibliográfico acerca do tema, visando ampliar o conhecimento científico e fazer novas articulações teóricas sobre a intersecção entre tecnologia e psicologia. Realizou-se revisões da literatura buscando desenvolver conceitos-chave para o estudo. Com a pesquisa de campo foi possível usar o contexto das redes sociais, sobretudo o *Facebook*, para fornecer bases para a observação de como os fenômenos se davam na prática, nas relações interpessoais mediadas pela rede.

A partir de pesquisa documental de materiais oriundos de diversos meios como jornais, revistas e blogs online, buscou-se ampliar o entendimento do olhar que a população para além da comunidade acadêmica tem acerca do tema das redes sociais. O próprio *Facebook* serviu como material de pesquisa quando foram realizadas buscas sobre o mecanismo de filtragem, tanto nas configurações do site quanto em grupos e páginas criadas pelos próprios usuários.

O levantamento bibliográfico foi realizado utilizando bases de dados como Scielo (Scientific Electronic Library Online) e Brapci (Base de Dados Referenciais de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação), e também em livros. Para a pesquisa de campo foram utilizadas Páginas de figuras, movimentos e jornalismo importantes para a discussão acerca

dos conflitos políticos iniciados na rede digital. Páginas são como “perfis” ou “comunidades” de uma determinada figura ou movimento, podendo ser individuais ou representar um grupo de pessoas que compartilham da mesma ideia ou buscam conteúdo específico sobre determinado assunto. Segundo informações fornecidas no próprio site do *Facebook*³, as pessoas que gerenciam as Páginas podem exercer diversas funções diferentes, sendo que ao criar uma página o usuário se torna automaticamente o administrador, podendo mudar a aparência da Página ou publicar em nome dela.

Para ter acesso ao conteúdo de relevância para a discussão do estudo, foi preciso visitar as Páginas de figuras da política nacional de maior relevância para o atual cenário da conjuntura, e que representam o assunto de grande parte dos conflitos ideológicos que dividem a opinião da população brasileira atualmente, como exemplos temos Jair Bolsonaro e Luís Inácio da Silva (Lula). Páginas de jornalismo também foram de relevância para a observação das interações ocorridas via rede social, como por exemplo a página de jornalismo da rede Globo, o G1. As interações entre os usuários nessas páginas se dão através dos comentários em publicações que os administradores compartilham, dessa forma foi preciso capturar a imagem da tela quando encontrado conteúdo de relevância para o presente estudo. A captura da tela é feita usando a tecla “Prt Sc” (*print screen*) do computador, é uma tecla comum nos teclados de computador, quando pressionada, captura em forma de imagem tudo o que está presente na tela (exceto o ponteiro do mouse e vídeos) e copia para a Área de Transferência, sendo que para acessar a imagem é preciso de um editor de imagem, como o *Paint* por exemplo, programa disponível no sistema da *Microsoft*. No editor de imagem é preciso pressionar as teclas “Ctrl + V” e em seguida salva-la clicando na aba “Arquivo” e selecionando a opção “Salvar como”, e depois escolher um local e o formato do arquivo desejado⁴.

Resultados

A busca de comentários em páginas do *Facebook* possibilitou a observação da predominância de comentários de pessoas que concordam entre si em páginas específicas de uma figura pública da política, já que as publicações aparecem apenas para aqueles que curtiram a página. Opiniões contrárias podem ser observadas em páginas de jornalismo, onde são publicadas notícias variadas.

³ <https://www.facebook.com/help/289207354498410/> Acesso em 04/04/2018 às 15:34

⁴ <http://www.techtudo.com.br/dicas-e-tutoriais/noticia/2013/09/como-tirar-screenshots-no-windows-e-salvar-capturas-de-tela-no-computador.html> Acesso em 05/04/2018 às 15:57

[BJ1] Comentário: É pra deixar essa parte?
É pra adicionar os *prints* dos comentários?

Os comentários observados na Página de Jair Bolsonaro demonstravam uma grande predominância de mensagens de apoio ao líder religioso, o que pode ser um apontamento da falta de contato que pessoas contrárias à figura de Bolsonaro tem com sua Página. O mesmo ocorre em comentários de publicações compartilhadas pela página de Lula. O que pode acontecer por preferência do próprio usuário que opta por não seguir a Página, e dessa forma não receber notificações da mesma, ou “desfazer a amizade” com outro usuário que siga esse conteúdo, gerando assim um afastamento daquilo que discorda.

Nas páginas de jornalismo as discordâncias ocorrem via comentários e respostas de comentários, sendo que é predominante mensagens com resposta curtas e hostis. Os comentários observados demonstram uma superficialidade dos argumentos quando em contato com opiniões distintas, os usuários usam de xingamentos para defender ou refutar um posicionamento. Nos comentários analisados não foi perceptível a existência de um espaço de construção da síntese de ideias a partir de posicionamentos contrários, mas sim um grande predomínio de dicotomia de rótulos pré-estabelecidos como xingamento entre os diferentes grupos, como o uso dos termos “coxinha” e “petralha”, o que demonstra um esvaziamento de conteúdo argumentativo.

É importante ressaltar que, a partir do modo de funcionamento do *Facebook*, os conteúdos postados por páginas curtidas pelo usuário aparecem em seu *Feed* de notícias. Quanto mais o usuário curtir e comentar conteúdos de determinada página, mais ela irá aparecer em seu *Feed* quando estiver conectado, já que o algoritmo entende que aquele conteúdo é de grande relevância para aquele perfil. Dessa forma um usuário que curta a página do Lula vai ter vasto contato com determinado conteúdo veiculado nessa página e demais conteúdos relacionados. O mesmo acontece para o usuário que segue a página do Bolsonaro, por exemplo. Os exemplos citados foram trazidos por compreender que tais figuras públicas e páginas de jornalismo são de maior relevância para o período histórico-político do país no momento em que o presente estudo foi realizado.

Discussão

Ao fazer um resgate sobre a discussão da realidade versus virtualidade, foi possível traçar uma justificativa para a importância de se debruçar sobre a compreensão de que não existe uma realidade fora dos computadores, compreender as tecnologias dessa forma não condiz mais com a sociedade atual, conectada na rede a todo momento através de smartphones. Esse estudo pode vir a contribuir na compreensão de que existe uma crescente esquivia de ter que se deparar com opiniões contrárias. Superar a ideia de realidade versus

virtualidade é necessário para a compreensão dos conflitos que ocorrem quando os indivíduos estão cara a cara, onde não há a possibilidade de “apertar um botão” e tirar o “estrangeiro” de seu campo visual.

É preciso frisar que o estudo teve como objetivo principal fornecer subsídios para futuras reflexões sobre o papel da era da personalização na relação entre os indivíduos, fomentar esse debate e contribuir para a inserção da área da psicologia na leitura dos fenômenos contemporâneos. Esbarramos com a dificuldade de encontrar artigos científicos que tratassem do funcionamento do algoritmo da rede social, encontrando uma vasta quantidade de informações desse tipo em *sites* e *blogs* que não seguem o rigor científico. Dessa forma optou-se pelo não aprofundamento na descrição dos modos de funcionamento do algoritmo por entender que essas fontes de informações podem ser pouco fidedignas. Mesmo assim, foi possível, em consonância com os estudos da área, afirmar que estamos inseridos na era da personalização. O pensamento traçado nesse estudo, que leva ao entendimento de que o algoritmo pode estar legitimando visões de verdade e razão, é a compreensão de que ao se ter determinadas visões de mundo reforçadas o tempo todo, não exista mais o espaço de criação de uma opinião de fato pública. O chamado inconsciente tecnológico, termo encontrado na literatura, diz sobre o modo constante e silencioso de agir dos algoritmos, que faz com que as informações e notícias atuem como convenções, criando uma bolha ideológica.

Apesar da dificuldade em obter informações a respeito do modo de funcionamento dos algoritmos, algumas considerações foram possíveis de serem feitas graças ao estudo de campo tendo páginas do *Facebook* como material. A predominância de comentários de pessoas que concordam entre si em páginas específicas de uma figura pública da política e de opiniões contrárias em páginas de jornalismo, se deve ao mecanismo de filtro, à personalização dos perfis, acarretando o que pode ser observado nos exemplos trazidos, hostilidade quando em contato com opiniões divergentes.

O contato com a alteridade se dá de forma superficial, já vendo o outro como um estrangeiro que ameaça, dessa forma o conflito parece inevitável. Não é só na conta dos algoritmos que esse problema deve ser depositado, já que a sociedade acelerou seu funcionamento em muitos aspectos com o advento da internet, inclusive no que diz respeito à aquisição de ideologias, posicionamentos e modos de leitura de mundo. Dessa forma, com a rapidez e a personalização das relações, tomar um lado se faz urgente e determinante, de modo que, quando em contato com opiniões divergentes só haja tempo para defender,

mesmo que superficialmente, a visão que está colocada de modo fragmentado e constante no inconsciente dos sujeitos.

Imaginemos uma situação muito recorrente no cotidiano de um cidadão brasileiro, uma roda de amigos em um bar, festa, confraternização, ou até mesmo no trabalho/escola. Para que exista uma roda de amigos interagindo, é necessário partir do pressuposto de que existem assuntos e interesses em comum, dessa forma, um círculo de amigos com opiniões convergentes vai comumente falar sobre os mesmos assuntos. A base para esses assuntos está também nas relações iniciadas online, como por exemplo ter tido contato com a mesma publicação, meme⁵, vídeo e notícia polêmica. Interações que são legitimadas pelo grupo, então o processo de reconhecimento está, dessa forma, sendo traçado. Um indivíduo que não tiver contato com os mesmos conteúdos que seus amigos tiveram, vai ser deixado de “fora” do assunto da roda, o pertencimento ao grupo está ameaçado e o sujeito se sente excluído, não pertencente aos símbolos e códigos daquela roda de pessoas.

O que sempre se acreditou sobre as redes sociais serem espaços de construção de ideias, onde todos podem ser os transmissores, na verdade poderia se caracterizar mais como um espaço onde o conhecimento não é construído de forma conjunta, existindo uma retroalimentação de ideias previamente estabelecidas na bolha. A exemplo disso podemos citar a despreocupação com a veiculação e compartilhamento das *fake News*, como apontou um estudo realizado pela Universidade de São Paulo (USP) que diz que cerca de 12 milhões de pessoas espalham notícias falsas sobre política no Brasil⁶: os estudiosos da área chamam de pós-verdade, enquanto o que deveria ser de interesse dos psicanalistas, seria o caráter “desbussolado” da era da personalização (des)informada.

Por se tratar de um assunto em voga, existem diversas publicações que dizem sobre a era da personalização, bem como o crescente uso das redes sociais. Entretanto, como apontamento para futuros estudos é preciso que as ciências humanas avancem na discussão sobre a era da personalização, já que se verifica que a *web 2.0* está presente no cotidiano dos sujeitos, na forma como eles se relacionam e são mediados pela rede e seus algoritmos. O objetivo do estudo foi ter contato com o que já existe na literatura sobre os mecanismos de funcionamento da rede social *Facebook* e traçar possíveis paralelos com o modo de funcionamento psíquico, com o intuito de somar aporte teórico para futuras pesquisas que se

⁵ Termo cunhado por Richard Dawkins, em seu livro “O Gene Egoísta”, onde coloca que o meme é o “gene” da cultura, o “meme de ideia” se refere ao que é compartilhado por todos os cérebros que a compreendem, que se perpetua através de seus replicadores, as pessoas.

⁶ <http://www.otempo.com.br/capa/pol%C3%ADtica/fake-news-amea%C3%A7amelei%C3%A7%C3%B5es-de-2018-1.1549072>

Acesso em 04/12/2017 às 23:35h.

aprofundem na leitura psicológica e psicanalítica dos fenômenos cotidianos dos sujeitos contemporâneos.

É imprescindível destacar a dificuldade de tomar uma distância necessária para descrever a realidade em que se está colocado, sendo também uma filha dessa época, dessa era da personalização. Dito isso, o intuito do trabalho foi somar contribuições ao debate dessa nova (ou nem tanto) forma de se relacionar entre os pares.

Bibliografia

BEER, David. Power through the algorithm? Participatory web cultures and the technological unconscious. *New Media & Society*, [s.l.], v. 11, n. 6, p.985-1002, set. 2009. SAGE Publications

BERNARDI, Amarildo José. Informação, comunicação, conhecimento: evolução e perspectivas. *Transinformação*, [s.l.], v. 19, n. 1, p.39-44, abr. 2007. FapUNIFESP (SciELO).

BIRKBAK, Andreas; CARLSEN, Hjalmar Bang. The world of Edgerank: Rhetorical justifications of Facebook's News Feed algorithm. 2016.

CASTELLS, Manuel. **A Galáxia Internet**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

CESAROTTO, O. A. FANTINI, J. A. A metodologia empregada na Psicanálise em Extensão. Inédito, 2017.

COELHO, Carolina Marra S. Psicanálise e laço social: uma leitura do Seminário 17. *Mental, Barbacena*, v. 4, n. 6, p. 107-121, jun. 2006. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S167944272006000100009&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em 21 set. 2016.

DANZIATO B. J. Leonardo. Saber, verdade e gozo - Da função da fala à escritura. *Tempo Psicanalítico*, Rio de Janeiro, v. 47.2, p. 208-224, 2015.

DUNKER, C. I. L. - Um Retorno à Freud In: Um Retorno a Freud. 1 Ed. Campinas: Mercado das Letras, 2008, v.1, p. 107-122

FANTINI, J. A. Raízes da Intolerância. Edufscar. São Carlos, 2014.

HOSKINS, Andrew. The mediatization of memory. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Andrew_Hoskins2/publication/271014088_The_mediatization_of_Memory/links/54bbd5270cf24e50e940431e/The-Mediatization-of-Memory.pdf.

JACQUES, Edu. Web algorítmica: a constituição da visibilidade no newsfeed do Facebook. Centro Internacional de Semiótica e Comunicação – CISECO III COLÓQUIO SEMIÓTICA DAS MÍDIAS. Japaratinga, Alagoas. 24 de setembro de 2014.

JORGE, Marco Antonio Coutinho. Angústia e castração. *Reverso*, v. 29, n. 54, p. 3742, 2007

LACAN, Jacques. O seminário: livro 2 – O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise, 1954-1955. Zahar, 1985.

_____ O seminário: livro 5 - As formações do inconsciente. Jorge Zahar, 1999.

LEMONS, André. Mídia Locativa e Territórios Informativos. Disponível em: http://culturaderede.pbworks.com/f/midia_locativa_andre_lemos.pdf. Acesso em: 17 set. 2016.

MITOZO, Isabele Batista; MASSUCHIN, Michele Goulart; CARVALHO, FC de. Características do debate político-eleitoral no Facebook: Os comentários do público em posts jornalísticos nas eleições presidenciais de 2014. *Associação Brasileira De Pesquisadores Em Comunicação E Política (Compolítica)*, v. 6, p. 1-23, 2015.

PARISER, Eli. O filtro Invisível: O que a internet está escondendo de você. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

PARZIANELLO, Geder. A violência midiática como condição de emergência de sinais de angústia. *Caligrama (São Paulo. Online)*, v. 4, n. 1, 2008.

PINHEIRO, Rafael Lobato; CARNEIRO, Henrique Figueiredo. PSICANÁLISE, RESTO E TECNOCIÊNCIA. [s.i.]. Disponível em: <http://www.psicanalise.ufc.br/hotsite/pdf/Trabalhos/66.pdf>

SANTAELLA, Lucia. A ecologia pluralista das mídias locativas. *Revista Famecos*, v. 15, n. 37, p. 20-24, 2008.

SCHERMANN, Eliane Z. Sobre a angústia, o trauma e a fantasia. *Pulsional rev. psicanál*, v. 19, n. 186, p. 63-77, 2006.

THRIFT, Nigel. *Knowing capitalism*. Sage, 2005

TIZIO, Hebe. Novas modalidades do laço social. *aSEPHallus*, v. 2, n. 4, p. 32-37, 2007.

ZÉTOLA LUSTOZA, Rosane. A angústia como sinal do desejo do Outro. *Revista Malestar E Subjetividade*, v. 6, n. 1, 2006